

Capítulo 1

A carência de líderes do Brasil

O Brasil, em seus mais de 500 anos, tem uma história de líderes frágeis, o que gerou uma cultura extremamente negativa em nosso país. Durante décadas escutamos que o brasileiro em geral não gosta de assumir compromissos, que deixa todas as decisões para o último minuto. Essa imagem traz insegurança para o mercado e para o meio social em que vivemos. O “jeitinho brasileiro” já era conhecido em todo o mundo, mas, depois do que aconteceu no país nos últimos três anos, esse “jeitinho” se tornou fato consumado.

A falta de fidelidade à nossa bandeira não poderia ser pior. Todos os acontecimentos, por muito tempo anunciados, mas agora desvendados, afetaram totalmente a nossa nação, que lança o seu olhar ao futuro e se pergunta fortemente: em quem devemos votar?

Vivemos uma carência de líderes. O que vemos à nossa volta, especialmente em cargos ditos de liderança, seja na esfera pública ou privada, são pessoas contaminadas pela dinâmica de uma estrutura corrompida.

Com certeza você, como eu, tem algum caso para contar sobre alguém que conhece e ocupa um cargo de liderança, só que hoje você já não sabe dizer se pode confiar ou se essa mesma pessoa também foi corrompida pela ganância ou pela ditadura do sistema social que tomou conta do nosso Brasil.

Nós, brasileiros, estamos saturados de pessoas que, mesmo com grandes ideias, acabam por cometer inúmeros erros, em sua maior parte causados pela ânsia de imediatismo e pela necessidade neurótica de poder. Isso foi exposto para todos nós de forma massiva nesses últimos tempos, pelos jornais e pela imprensa mundial. O Brasil passou, se posso dizer assim, pela maior humilhação e falta de ética que poderíamos imaginar.

O sentimento da falta de confiança social traz uma grande desesperança, desmotivando toda a população, que, mesmo sabendo da importância e do valor de seu voto, adia a decisão de ter que escolher um representante. Mas não podemos mais adiar nossa responsabilidade, temos que buscar, efetivamente, as soluções necessárias para mudar.

A oportunidade agora é de revolucionar e transformar.

Falo sempre em minhas palestras que o ditado popular “deixa a vida me levar” pode até parecer suave e romântico em um primeiro momento, mas está longe de ser a melhor escolha para construirmos um novo país.

Se não escolhermos realmente um representante, não adianta reivindicar soluções de quem não tem as competências necessárias para a liderança.

Viver tempos difíceis não é desculpa para entrar na onda de conseguir tudo do modo mais fácil, esquecendo responsabilidades, valores e leis.

E sabemos que essa cultura instituída em nosso país não é localizada, não está conectada a uma realidade difícil, ela é generalizada e está, infelizmente, enraizada em nossa sociedade.

Historicamente, sabemos que pessoas de origem mais humilde, de menor poder aquisitivo, e estudantes de escolas públicas no Brasil, desprovidos de sobrenomes e famílias renomadas, têm uma chance infinitamente menor de conquistar aquilo que desejam, mas isso não é impedimento para que muitos deles alcancem suas metas, apesar de todas as dificuldades.

Um dos meus grandes exemplos de vida é meu pai. Ele vivia na Espanha, em 1951, os reflexos sociais e econômicos da guerra civil, e o governo ainda alistava e recrutava jovens para os conflitos entre a Coreia e a Rússia. Naquela época, em que lutava pela própria sobrevivência e sonhava em trocar a guerra por uma missão maior, ele assumiu o risco de viajar para América em um navio cargueiro, sem nenhuma garantia, sem o conhecimento da língua e apenas com o endereço de um tio que morava no Brasil. Começou uma vida do nada, observando as melhores oportunidades e trabalhando arduamente de sol a sol, com paixão, sempre perseguindo seus sonhos, e construiu uma emocionante história de desafios e superação. Assim como ele, existem médicos, advogados, engenheiros que se formaram em boas universidades com bolsas de estudo, ou trabalhando para pagar mensalidades caras, e também aqueles, cujas famílias são extremamente humildes, que conseguem cursar universidades públicas e buscam incansavelmente concretizar seus sonhos.

Quero dizer então que não há desigualdade social no Brasil? Claro que não, é óbvio que existe! E exatamente porque temos um legado socioeconômico formado em sua grande maioria por herdeiros, pessoas que querem levar vantagem, que não constroem para o todo, é que histórias de sucesso como a de meu pai são exceções. Mas, de qualquer forma, nenhuma condição social é determinante quando temos um coração apaixonado.

Isso porque, do outro lado, temos jovens abastados, de boas famílias, com tudo o que sempre sonharam na vida, cujas vidas são de um vazio existencial sem fim, sem ideais, sem nobreza de caráter, que não têm sonhos grandiosos e nem maiores desejos além de gozar o aqui e o agora, sem pensar no futuro.

Então o que diferencia essas duas realidades? A paixão. A liderança de si. A ânsia de construir com criatividade novas fronteiras, novos desenhos sociais. E um coração apaixonado independe de credo, raça ou nível social. Mas ele determinará se você será um simples herdeiro na vida ou se terá sua liderança cravada na geração em que vive e deixará um legado para os que vierem depois.